CADERNOS DE
ESTUDOS SOCIAIS
Volume 27, número 2, julho/agosto de 2012

MOBILIDADE POPULACIONAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS (SP): INTERAÇÕES ESPACIAIS NA MICRORREGIÃO SUL (VALINHOS E VINHEDO)

Population mobility in the Campinas Metropolitan Region (SP): spatial interactions in south micro-region (Valinhos e Vinhedo)

Carolina Leardine Zechinatto
Eduardo Marandola Jr.

RESUMO

Mobilidade populacional é um dos fenômenos mais importantes das interações espaciais fundantes das regiões metropolitanas. Compreendê-las em termos da migração e dos deslocamentos pendulares permite evidenciar tanto seu papel na formação de tais aglomerações quanto as suas consequências em termos do desenho de espaços de vida que ultrapassam os limites da cidade, e a formação de um urbano orgânico regional, amalgamados por um conjunto de interações espaciais. Este artigo analisa esta dinâmica nas cidades de Valinhos e Vinhedo, as quais constituem a microrregião sul da Região Metropolitana de Campinas (SP), a partir dos dados censitários de 2000 e 2010 e da Pesquisa Origem-Destino realizada em 2003. Os resultados apontam para a íntima relação intramicrorregional e a mesma posição relativa dos municípios na relação com a sede metropolitana.

PALAVRAS-CHAVE: Pendularidade. Migração. Metropolização. Interações espaciais. Geografia da população.

IN PRESS

ABSTRACT

Population mobility is one of the most important phenomena of the founding spatial interactions in metropolitan areas. Thinking of these interactions in terms of the migration in commuting can help us recognize their role in the formation of such agglomerations as well as the consequences in terms of the design of living spaces beyond the city limits, and the emergence of a regional organic urban space, joined by a set of spatial interactions. This paper analyzes this dynamics in the cities of Valinhos and Vinhedo, which constitute the South Microregion of the Campinas Metropolitan Region (SP), according to the census data of 2000 and 2010 and the Origin-Destination survey conducted in 2003. The results point to the close intra-microrregional relationship and to the same relative position of municipalities in their relation with the regional center.

KEYWORDS: Commuting. Migration. Metropolization. Spatial interactions. Population geography.

CADERNOS DE
ESTUDOS SOCIAIS
Volume 27, número 2, julho/agosto de 2012

MOBILIDADE POPULACIONAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS (SP): INTERAÇÕES ESPACIAIS NA MICRORREGIÃO SUL (VALINHOS E VINHEDO)

Population mobility in the Campinas Metropolitan Region (SP): spatial interactions in south micro-region (Valinhos e Vinhedo)

Carolina Leardine Zechinatto[*]
Eduardo Marandola Jr.[**]

INTRODUÇÃO

A constituição dos grandes aglomerados metropolitanos tem tido a mobilidade como um de seus principais processos fundadores. As interações intrametropolitanas se intensificam a partir de fluxos de diversas ordens. A frequência e o volume do contingente populacional em circulação entre os lugares e itinerários dos aglomerados têm caracterizado altos níveis de mobilidade nos espaços metropolitanos, como o da Região Metropolitana de Campinas (RMC), Estado de São Paulo.

A RMC passa a ter grande importância como polo migratório no interior do Estado de São Paulo a partir dos anos 1970, contribuindo para novas tendências de redistribuição espacial da população (BAENINGER, 2001). Podemos dizer, portanto, que os movimentos migratórios estão ligados ao crescimento e à formação das metrópoles e como elas são capazes de se tornarem pontos de atração populacional. Nesse contexto, a RMC aparece como uma das regiões metropolitanas que mais atrai pessoas, visto seu saldo migratório de, em média, 23,2 mil pessoas/ano entre 2000 e 2010, segundo dados da Fundação Seade, além do fato de apresentar saldo migratório em torno de 25 mil pessoas/ano desde os anos 1980, ainda que tenha reduzido seu ritmo de migração desde então. Entres os fatores característicos das regiões metropolitanas, destacamos a mobilidade diária (tanto os deslocamentos pendulares captados no censo, quanto às demais múltiplas viagens por diferentes motivos e direções), a fragmentação do tecido metropolitano e suas vias de conexão, ou seja, a acessibilidade na metrópole, suas estruturas facilitadoras ou segregadoras. Na RMC, estão presentes algumas

IN PRESS

[*] Bolsista PIBIC/CNPq, Instituto de Geociências (IG), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

[**] Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA). Pesquisador do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Para citar este artigo: ZECHINATTO, Carolina L.; MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidade populacional na Região Metropolitana de Campinas (SP): interações espaciais na Microrregião Sul (Valinhos e Vinhedo). **Cadernos de Estudos Sociais,** Recife, v.27, n. 2, p. 15-37, jul/ago, 2012. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>. Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição].

rodovias importantes para essa fluidez, como a Rodovia Anhanguera, Rodovia Dom Pedro I e Rodovia Santos Dumont (PIRES, 2007).

A assiduidade com que os indivíduos vêm se deslocando tem as seguintes motivações ou fatores de propulsão: a dissociação entre casa e trabalho; o movimento de dispersão urbana, diversidade espacial e social dos lugares metropolitanos (os indivíduos articulam diversas cidades); conectividade do tecido metropolitano (forte intricamento viário e interdependência demográfica e econômica intermunicipais) (MARANDOLA JR., 2008).

Para compreender o fenômeno metropolitano e as implicações sobre os modos de vida e os lugares, é necessário investigar a natureza das interações espaciais entre os espaços da metrópole e da região metropolitana, cuja centralidade está na mobilidade populacional, seja ligada à mudança de residências (migrações intraregionais), seja pela pendularidade estabelecida a partir das conexões viárias e integração do mercado de trabalho.

As interações espaciais são expressões da organização do espaço regional, cujo papel da mobilidade espacial da população é fundamental, seja como indutor de mudanças, seja como resultado de sistemas urbanos e econômicos que induzem tais deslocamentos (CORRÊA, 1997). A estruturação do espaço urbano, portanto, no contexto metropolitano, é, ao mesmo tempo, motivador e resultado desses processos que envolvem a variedade de fluxos de pessoas, mercadorias, capital e ideias intra e intermunicípios em áreas de forte aglomeração.

Sobre essa base estrutural, as pessoas e os grupos desenham seus próprios espaços de vida, em uma relação ambivalente entre a estrutura e as suas intencionalidades. O espaço de vida foi trazido aos estudos populacionais por Daniel Courgeau, visando ampliar o horizonte de entendimento da mobilidade muito restrita em sua mensuração pelas limitações dos dados secundários (COURGEAU, 1988). Como entendido neste texto, é o conjunto de lugares e itinerários nos quais a pessoa desenvolve sua vida, sendo material e simbólico ao mesmo tempo, ou seja, expressa tanto a interação com a estrutura urbano-regional quanto a experiência metropolitana (MARANDOLA JR., 2011).

IN PRESS

Esse conceito é importante para entender a relação entre mobilidade populacional e o espaço urbano-regional. As trocas migratórias, por exemplo, permitem que, mesmo se deslocando para áreas próximas, os migrantes mantenham vínculos com o lugar de origem, especialmente em áreas de conurbação ou de forte integração regional, como a RMC. É comum a formação de uma área orgânica onde se desenham os espaços de vida das pessoas, servindo de opção de moradia e das demais atividades cotidianas, a qual envolve um conjunto de municípios conurbados ou muito próximos (MARANDOLA JR., 2010). Na RMC, a microrregião[1] noroeste é claramente um destes casos, assim como Valinhos e Vinhedo, no Sul.

Os dados de migração e pendularidade são fundamentais, portanto, para evidenciar as interações espaciais entre os municípios, caracterizando-os como partes de uma mesma realidade urbana que é, ao mesmo tempo, estrutural (bacia de empregos, serviços e comércio, sistema produtivo) e cotidiano (localizações, familiares e amigos, opções de lazer etc.), permitindo possíveis buscas de serviços e de satisfação de necessidades.

Para caracterizar o papel da mobilidade populacional no desenho de tais interações espaciais na microrregião sul da RMC, exploramos os dados secundários de duas bases (o Censo Demográfico e a Pesquisa Origem-Destino), evidenciando os fluxos populacionais que expressam e, ao mesmo tempo, estão na base das interações entre a sede metropolitana e as duas cidades: Valinhos e Vinhedo. Tais cidades possuem um processo de conurbação muito avançado, com relações históricas e urbanização consolidada e com novos processos de expansão relacionados à hipermobilidade e à dispersão da RMC e de outras regiões, como a metropolitana de São Paulo (REIS, 2006).

2 INTERAÇÕES ESPACIAIS E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VALINHOS E VINHEDO

Inseridos na Região Metropolitana de Campinas (RMC), Valinhos e Vinhedo ocupam o eixo sudeste da região, juntamente com Itatiba. Cerca de sete quilômetros

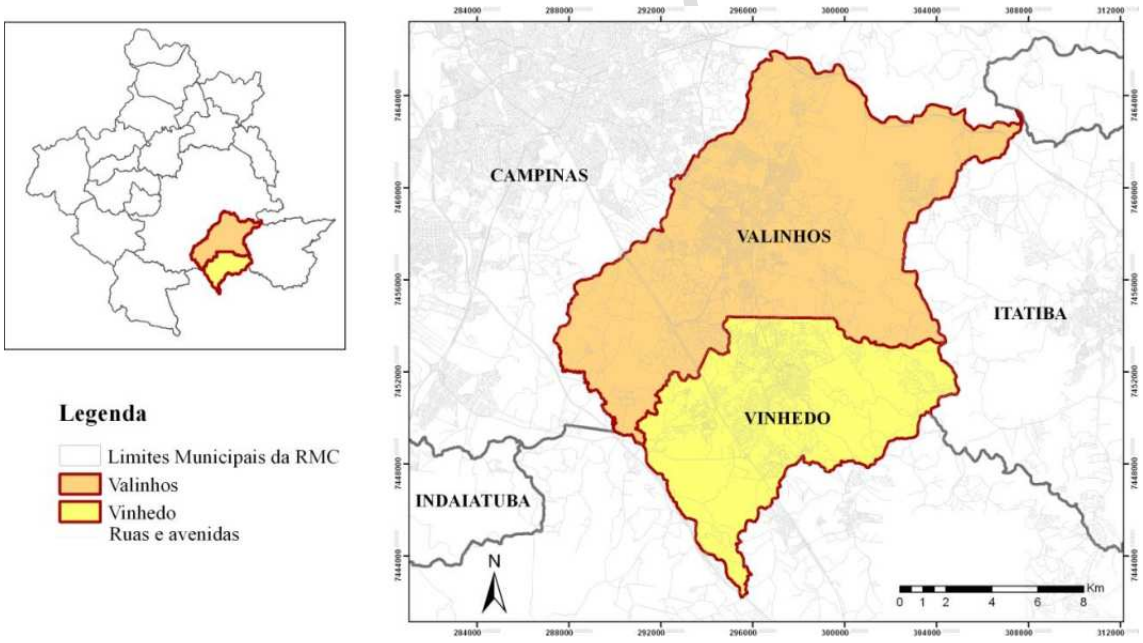
[1] Esta terminologia não se refere às divisões regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas de uma compreensão intrarregião metropolitana a partir de suas unidades espaciais.

IN PRESS

distam um centro urbano do outro, guardando várias similaridades no que diz respeito à expansão urbana e seus processos de mobilidade na RMC.

Com relação ao processo de constituição e expansão urbana, o município de Valinhos foi criado em 1953 (de um desmembramento de Campinas), enquanto Vinhedo teve sua emancipação do município de Jundiaí no final de 1948. O crescimento de ambos foi promovido pelo adensamento da malha viária que incitou a ocupação, fazendo crescer a mancha urbana e os processos de conurbação (GONÇALVES; SEMENGHINI, 2002), além da difusão do dinamismo industrial orientado pelos eixos rodoviários e da redistribuição populacional com as migrações interestaduais e intrametropolitanas (BAENINGER, 2004).

Figura 1 – Microrregião sul e sua posição na Região Metropolitana de Campinas



Fonte: Malha de Limites Municipais. Censo 2010, IBGE. Sistemas de coordenadas UTM-SAD 1969-23S.
Elaboração: Carolina Zechinatto, 2012.

As diferentes formas de absorção e fixação da população afetam a estrutura das cidades e a configuração dos lugares, permitindo o estabelecimento de redes sociais/territoriais a partir dos padrões de mobilidade. Na microrregião sul da RMC, o processo de redistribuição populacional se dá por diferentes vias, entre elas a migração e

fixação de uma população de classe baixa que ocupa, geralmente, áreas de risco, e uma população de classe média que passa a residir em condomínios fechados que se proliferam nas periferias dos aglomerados urbanos (o chamado processo de "suburbanização"), além da redistribuição interna com base na composição etária. Segundo Faria (2002), no segmento Valinhos-Vinhedo, encontra-se o maior número de lotes em loteamentos fechados da RMC, representando 22% do total, funcionando, muitas vezes, como cidades-dormitório.

A formação da RMC promoveu uma série de interações espaciais entre os municípios, sendo que Valinhos e Vinhedo mantêm fluxos intensos entre si e com Campinas. Existe uma intricada rede viária interligando os municípios e "algumas ruas e avenidas vicinais unindo os dois municípios, que possibilitam acesso mais rápido a Campinas" (MARTINEZ, 2002, p. 218), além do fácil acesso às rodovias. Além das interligações viárias, as conexões entre Valinhos e Vinhedo estão associadas também a outros processos. Ambos os municípios fazem parte do Circuito das Frutas, por exemplo, o qual conta também com Indaiatuba, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiaí, Louveira e Morungaba. Todos esses municípios apresentam atividades agrícolas muito representativas, especialmente na fruticultura, promovendo um turismo ligado ao setor (SILVA, 2008).

É através da mobilidade, definida por Lévy (2001, p.7) como "a relação social ligada à mudança de lugar, isto é, como o conjunto de modalidades pelas quais os membros de uma sociedade tratam a possibilidade de eles próprios ou outros ocuparem sucessivamente vários lugares", que são estruturados os espaços de vida do indivíduo, seu cotidiano e interações espaciais entre diversos pedaços da região. Essas interações representam "um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico" (CORRÊA, 1997, p.279), sendo assim, englobam os diferentes tipos de mobilidades.

Em vista dessas interações, a pendularidade é muito presente na dinâmica urbana dos municípios.

> A PEA de Valinhos era composta, em 2000, de mais de 38 mil pessoas, sendo que um percentual considerável, 20,6%, o correspondente a cerca de 7,8 mil pessoas, trabalhavam em outro município. Destes, aproximadamente 45% realizavam suas atividades em Campinas, 30% em Vinhedo, 10% em

IN PRESS

> São Paulo e os demais em outros locais, incluindo outros municípios da RMC (MIGLIORANZA; CUNHA 2006, p. 554).

Os dois municípios por seus atrativos, a saber: um reduzido nível de violência, acessibilidade e qualidade ambiental, tornam-se "lugares bons para se viver". Seus residentes são geralmente "antigos moradores da capital paulista que, em boa parte, nela ainda mantém sua principal atividade econômica, e estrangeiros ocupantes de posições qualificadas em empresas da região" (FARIA, 2002, p. 231).

Em contrapartida ao estabelecimento dos condomínios, nos últimos vinte anos, o fluxo migratório para Valinhos foi predominantemente caracterizado por famílias com baixo nível de escolaridade, com pouca ou mesmo sem qualificação profissional, encontrando dificuldades para entrar no mercado de trabalho e conseguir moradia (SILVA, 2008). Isso implica a "existência de parcelas da população marginalizadas, [...] em uma área situada entre o distrito industrial e o município de Valinhos, limitada pela Via Anhanguera e a estrada que liga Vinhedo a Viracopos (na região do Bairro Capela), e, na região sul, nas proximidades de Louveira" (FARIA, 2002, p. 244).

Nesta análise, os dados secundários mais importantes para nós estão no Censo Demográfico e na Pesquisa Origem-Destino da Região Metropolitana de Campinas, ou Pesquisa O-D, realizada em 2003 pela Emplasa (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano). Esses dados nos permitirão compreender a composição etária, gênero, pendularidade e as matrizes migratórias, para caracterizar e pensar as interações espaciais e identificar os fluxos estabelecidos, possibilitando a distinção e caracterização dos grupos populacionais e de seus padrões de mobilidade.

3 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTRAMETROPOLITANOS

Para tentar identificar quais os principais deslocamentos existentes na região, quem são esses migrantes e de onde eles vêm, buscamos analisar dados dos Censos de 2000 e 2010, contextualizando também os dados da Pesquisa O-D. Nesse caso, vale apresentar, primeiramente, os números relativos ao crescimento populacional e saldos migratórios na microrregião sul (Tabela 1) e como a população se distribui em relação à situação do domicílio (Figura 2).

Tabela 1 – Microrregião sul: População, taxas de crescimento populacional, saldos migratórios anuais e taxas anuais de migração, 2000-2010

Municípios	População		Taxas anuais de crescimento populacional (%)	Saldos migratórios anuais	Taxas de migração (por mil habitantes)
	2000	2010	2000/2010	2000/2010	2000/2010
Valinhos	82.817	106.569	2,55	1.661	17,54
Vinhedo	47.065	63.453	3,03	1.132	20,48

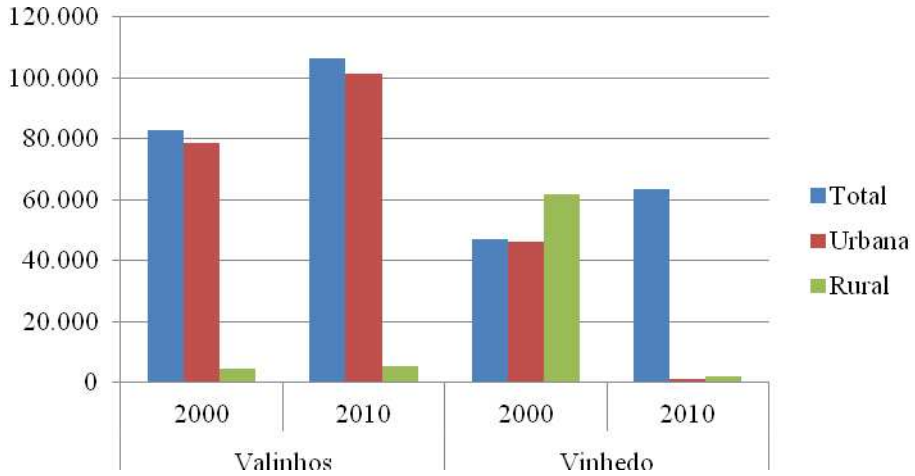
Fonte: Seade/IBGE, 2000 e 2010.

Segundo dados do IBGE, em 2000, o saldo migratório em Valinhos, por exemplo, chegou a 47,35%, acarretando problemas na ocupação do espaço, sendo parte dos migrantes vindos de Campinas e RMC no geral ou da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que pode ser explicado pelas facilidades de acesso ao município com base nas redes viárias. De acordo com Silva (2008), às vezes, o deslocamento interno em São Paulo pode ser mais demorado que o caminho para Valinhos, já que São Paulo possui um tráfego muito mais intenso, possibilitando maiores congestionamentos.

Na Figura 2, observamos o crescimento da população de Valinhos e Vinhedo no período correspondente aos anos 2000 e 2010. Em Valinhos o aumento foi de 23.820 pessoas e em Vinhedo, de 16.396 pessoas na população total.

IN PRESS

Figura 2 – Microrregião sul: Crescimento da população residente por situação do domicílio, 2000-2010



Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2000 e 2010.

Para citar este artigo: ZECHINATTO, Carolina L.; MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidade populacional na Região Metropolitana de Campinas (SP): interações espaciais na Microrregião Sul (Valinhos e Vinhedo). **Cadernos de Estudos Sociais,** Recife, v.27, n. 2, p. 15-37, jul/ago, 2012. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>. Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição]. [22]

Quanto à naturalidade da população residente na microrregião sul, a Tabela 2 nos mostra que a maior parte dos moradores não é natural do município, com 56,48% de habitantes não naturais, em Valinhos, e 59,22% em Vinhedo. Em relação à unidade da federação, 78,79% dos moradores de Valinhos que não são naturais do município vêm do próprio estado de São Paulo. O mesmo ocorre com 77,77% da população de Vinhedo.

Tabela 2 – Microrregião sul: População residente, por naturalidade em relação ao município e à unidade da federação (UF), 2010

	Valinhos	Vinhedo
Naturais do município	46.475 (43,52%)	25.939 (40,78%)
Não naturais do município	60.318 (56,48%)	37.672 (59,22%)
Naturais da UF	84.142 (78,79%)	49.468 (77,77%)
Não naturais da UF	22.651 (21,21%)	14.143 (22,23%)
Total	106793 (100%)	63.611 (100%)

Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2010.

IN PRESS

Na Tabela 3, podemos observar que entre as pessoas que vieram de outros estados para morar na RMC, a maioria possui residência ali ininterruptamente por dez anos ou mais, assim como ocorre na microrregião sul. A porcentagem menor é representada por aqueles que estabeleceram residência há menos de um ano. Esses dados são indicativos de que, uma vez que o migrante de fora de São Paulo muda-se para municípios da RMC, como Valinhos ou Vinhedo dificilmente retorna para sua unidade da federação de origem.

Tabela 3 – Microrregião sul: Pessoas não naturais da unidade da federação, por tempo ininterrupto de residência na unidade da federação (SP), 2010

	Pessoas não naturais da unidade de São Paulo		
Tempo ininterrupto de residência	Valinhos	Vinhedo	RMC
Menos de 1 ano	877 (3,87%)	775 (5,48%)	27.587 (4,08%)
1 a 2 anos	1.889 (8,34%)	697 (4,92%)	48.375 (7,16%)
3 a 5 anos	1.858 (8,20%)	1.886 (13,33%)	54.551 (8,07%)
6 a 9 anos	2.490 (10,99%)	1.536 (10,86%)	55.605 (8,23%)
10 anos ou mais	15.537 (68,59%)	9.250 (65,40%)	489.712 (72,46%)
Total	22.651 (100%)	14.143 (100%)	675.830 (100%)

Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2010.

Em relação a esses números, segundo Miglioranza (2005), houve uma mudança nas trocas migratórias em Valinhos e Vinhedo, sobretudo nos anos 1990, quando aumentou a migração de origem intrametropolitana e perdeu-se a intensidade nos movimentos interestaduais, proporcionadas pela maior participação de Campinas. Nesse caso, a partir da Tabela 4, podemos observar a predominância de migrantes do Estado do Paraná tanto em Campinas quanto em Valinhos, seguido por migrantes de Minas Gerais. Os dois Estados também representam maioria de migrantes em Vinhedo, porém em ordem inversa: destaque para Minas Gerais e depois Paraná.

A maioria dos migrantes da década de 1970 tinha sua origem do norte do Paraná, para trabalhar como caseiros e jardineiros. O perfil ocupacional desse migrante mudou em relação ao de 1970, passando a se destacar as ocupações de gerentes e diretores de empresas (movimento de migração de mais alta renda), construção civil e serviços domésticos (relacionados à demanda na construção imobiliária, provenientes dos loteamentos), além da ampliação do trabalho no comércio (MIGLIORANZA, 2005). Ainda conforme a autora, no fluxo contrário, os migrantes que deixaram a microrregião sul em direção aos Estados de Minas Gerais e Paraná eram predominantemente trabalhadores do ramo da agropecuária e agrícola.

IN PRESS

Tabela 4 – Microrregião sul: Matriz migratória da UF anterior para o município atual com tempo de moradia < 10 anos, 1990-2000

UF Anterior	Campinas	Valinhos	Vinhedo	Total
Rondônia	1.540	.	27	1.567
Acre	68	.	.	68
Amazonas	578	.	.	578
Roraima	20	.	.	20
Pará	1.508	46	.	1.554
Amapá	.	.	.	0
Tocantins	268	.	.	268
Maranhão	2.538	161	40	2.739
Piauí	1.910	95	7	2.012
Ceará	3.161	139	237	3.537
R.G.Norte	977	38	137	1.152
Paraíba	1.338	55	50	1.443
Pernambuco	5.331	434	311	6.076

Alagoas	3.105	277	288	3.670
Sergipe	823	155	57	1.035
Bahia	13.648	703	534	14.885
Minas Gerais	17.169	1.498	1.063	19.730
Espírito Santo	739	40	.	779
Rio de Janeiro	3.686	292	88	4.066
São Paulo	.	.	.	0
Paraná	18.358	2.862	864	22.084
Santa Catarina	952	118	200	1.270
Rio Grande do Sul	1.237	71	54	1.362
Mato Grosso do Sul	2.289	217	116	2.622
Mato Grosso	2.380	150	147	2.677
Goiás	1.426	30	24	1.480
Distrito Federal	982	45	8	1.035
Brasil não Espec.	218	16	11	245
País Estrangeiro	3.555	132	442	4.129
Ignorado	10.715	848	853	12.416
Total	**100.519**	**8.422**	**5.558**	114.499

Fontes: Seade, Saldos Migratórios/IBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000.

Analisando os dados relativos à mudança de residência, segundo a Tabela 5, observamos que 899 pessoas que moravam em Vinhedo, em 1995, estavam morando em Valinhos em 2000. Daquelas que moravam em Valinhos em 1995, 430 passaram a morar em Vinhedo, demonstrando uma relação de proximidade. Vale destacar também o papel de migrantes de Campinas, e especialmente de São Paulo, na constituição dos dois municípios, revelando a influência da RMSP na microrregião sul da RMC. Esse é um aspecto a se investigar mais a fundo, pois reverbera nos padrões de mobilidade e na própria forma de inserção na região e na cidade.

IN PRESS

Tabela 5 – Microrregião sul: Origem de migrantes por data fixa (1º de Julho de 1995)

Região em 1995	Valinhos	Vinhedo
Americana	-	9
Campinas	2.876	716
Holambra	8	.
Hortolândia	65	11
Indaiatuba	50	90
Itatiba	90	.
Jaguariúna	34	26
Nova Odessa	11	9
Paulínia	.	9
Sta. Bar. d'Oeste	45	.

Sto. Ant. Posse	12	.
Sumaré	254	.
Valinhos	.	430
Vinhedo	899	.
São Paulo	4.079	4.709
Demais do Sudeste	780	471
Região Norte	32	9
Região Nordeste	1.061	767
Região Sul	1.093	456
Região Centro-Oeste	259	160
Brasil não especificado	23	.
Total	**11.671**	**7.872**

Fontes: Seade, Saldos Migratórios/IBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000.

A questão da possibilidade de acesso se torna cada vez mais importante para a configuração das metrópoles, visto que as migrações espontâneas (por escolhas pessoais) passam a ter mais destaque (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). As motivações não são mais unicamente econômicas, mas derivam também de desejos de satisfação de necessidades como a busca por qualidade de vida, tranquilidade, paisagens bucólicas e segurança. Assim, esses migrantes mantêm-se por mais tempo em trânsito e não estabelecem redes sociais capazes de tornar conhecidos os riscos e perigos daquele lugar. No entanto, estar em movimento não implica segurança, a questão que envolve a motivação pessoal é: que riscos desejam-se minimizar?

4 TENDÊNCIAS APONTADAS PELOS DADOS SECUNDÁRIOS: ESTUDO E TRABALHO COMO MOTIVAÇÃO PARA OS DESLOCAMENTOS

Além da mudança de residência, é importante pensarmos nos dados relativos à pendularidade, que têm se mostrado significativos para a microrregião sul da RMC (OJIMA, 2007). Em relação a Valinhos e Vinhedo, o número de deslocamentos pendulares aumentou entre os anos 2000 e 2010, segundo os dados do Censo. A partir da Tabela 6, podemos observar a quantidade de pessoas que moram nos municípios (origem) e realiza viagens diárias, bem como o número de pessoas que tem a microrregião sul como destino.

IN PRESS

Tabela 6 – Microrregião sul: Comparação dos deslocamentos pendulares entre 2000 e 2010

	Origem		Destino	
Município	**2000**	**2010**	**2000**	**2010**
Vinhedo	4.581 (9,70%)	6.864 (10,79%)	6.616 (14,01%)	10.450 (16,43%)
Valinhos	9.402 (11,33%)	15.537 (14,55%)	6.045 (7,29%)	11.314 (10,59%)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 e 2010.

Em relação às viagens diárias realizadas, de acordo com a Pesquisa O-D (2003), os motivos mais alegados para deslocamento foram os de estudo e trabalho. Na Tabela 7, vemos que, em 2000, a maioria da população na microrregião sul se locomovia majoritariamente em seu próprio município. Nos demais municípios, os valinhenses iam mais a Campinas (3.415 pessoas), seguido de Vinhedo (2.392 pessoas). Em Vinhedo, o maior deslocamento ocorre no sentido Campinas (879 pessoas) e, em seguida, Valinhos (527 pessoas).

Tabela 7 – Microrregião sul e sede metropolitana: Relação do município de residência e de trabalho ou estudo, idade > 14 e filtro PEA, 2000

Trabalho/Estudo	**Campinas**	**Valinhos**	**Vinhedo**
Neste município	392.739	30.179	18.756
Não trab./estuda	58.338	3.811	2.230
Outro munic./país	24.621	7.842	3.433
Americana	487	17	9
Campinas	.	3.415	879
Hortolândia	1.852	91	8
Indaiatuba	553	47	46
Itatiba	404	151	41
Jaguariúna	1.595	38	10
Monte Mor	317	10	8
Paulínia	2.654	50	9
Sta.Bárbara d´Oeste	115	7	11
Sumaré	1.658	52	58
Valinhos	3.089	.	527
Vinhedo	1.405	2.392	.
Total	**489.827**	**48.102**	**26.025**

Fontes: Seade, Saldos Migratórios/IBGE, Censo Demográfico de 2000.

As Tabelas 8 e 9 reforçam esses dados, pois apresentam o local de exercício do trabalho e o tempo de deslocamento daqueles que não trabalhavam no município de residência. Tanto em Valinhos quanto em Vinhedo há destaque para o trabalho no

próprio município, porém fora do domicílio de residência. Em segundo lugar, Valinhos apresenta mais pessoas que trabalham em outro município seguido por aqueles que trabalham no próprio domicílio. Em Vinhedo, a situação se inverte.

Tabela 8 – Microrregião sul: Pessoas ocupadas na semana de referência, por local de exercício do trabalho principal, 2010

	Pessoas ocupadas na semana de referência	
Local de exercício do trabalho principal	**Valinhos**	**Vinhedo**
Município de residência/domicílio de residência	13.486 (23,29%)	7.575 (21,95%)
Município de residência/fora do domicílio	28.877 (49,87%)	20.069 (58,16%)
Outro município	14.906 (25,74%)	6.431 (18,64%)
País estrangeiro	-	-
Mais de um município ou país	631 (1,09%)	434 (1,26%)
Total	57.900 (100%)	34.508 (100%)

Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2010.

Assim como ocorre na RMC de modo geral, na microrregião sul a maior parte daqueles que trabalhavam fora de seu domicílio, realizando deslocamento pendular, demorava de seis minutos até meia hora para chegar a seu destino, o que nos leva a pensar que esses deslocamentos se dão em direção a municípios próximos a eles, provavelmente dentro da própria RMC. Os deslocamentos de mais de uma hora atingem apenas um percentual de 8,19% em Valinhos e 6,52% em Vinhedo, comparados com os 9,36% da RMC.

IN PRESS

Tabela 9 – Microrregião sul e Região Metropolitana: Pessoas ocupadas que trabalhavam fora do domicílio e retornavam para seu domicílio diariamente, por tempo habitual de deslocamento para o trabalho, 2010

	Pessoas que realizavam deslocamentos pendulares para trabalhar		
Tempo habitual de deslocamento para o trabalho	**Valinhos**	**Vinhedo**	**RMC**
Até cinco minutos	3.559 (8,42%)	2.587 (10,04%)	84.017 (7,96%)
De seis minutos até meia hora	23.608 (55,85%)	16.488 (64,0%)	57.4542 (54,41%)
Mais de meia hora até uma hora	11.645 (27,55%)	5.005 (19,43%)	298.567 (28,27%)
Mais de uma hora até duas horas	2.996 (7,09%)	1.510 (5,86%)	87.902 (8,32%)
Mais de duas horas	464 (1,1%)	171 (0,66%)	10.961 (1,04%)
Total	42.272 (100%)	25.762 (100%)	1.055.989 (100%)

Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2010.

Quanto aos deslocamentos motivados pelo estudo, de acordo com dados da Pesquisa O-D, em Valinhos, de 51.546 pessoas, o deslocamento interno foi de 89,8%, contra 7,2% para Campinas e 3% para outros municípios e, em Vinhedo, de 30.964 pessoas, 90,8% se deslocavam internamente contra 3,9% para Campinas e 5,3% para outros municípios. Os dados do Censo 2010 (Tabela 10) para Valinhos e Vinhedo continuam apresentando destaque para o estudo no próprio município.

Tabela 10 – Microrregião sul: Pessoas que frequentavam escola ou creche, por local, 2010

	Pessoas que frequentavam escola ou creche	
Local da escola/creche	**Valinhos**	**Vinhedo**
Município de residência	23.739 (76,45%)	14.446 (76,35%)
Outro município	7.273 (23,42%)	4.453 (23,54%)
País estrangeiro	41 (0,13%)	21 (0,11%)
Total	31.053 (100%)	18.920 (100%)

Fonte: SIDRA/IBGE - Censo Demográfico, 2010.

IN PRESS

Apesar de os motivos para deslocamentos mais alegados na Pesquisa O-D serem o estudo ou o trabalho, é importante ressaltar que outros motivos como visitas, recreação e lazer aparecem na pesquisa. Assim, surgem novas tendências de deslocamentos, além daqueles motivados por diferenças entre os locais de casa-trabalho ou casa-estudo que, segundo Cadaval e Gomide (2002), são capazes de transformar esse movimento pendular em uma relação como, por exemplo, casa–trabalho–estudo-lazer.

Entre os tipos de viagens apresentados pela Pesquisa O-D estavam as realizadas por transporte coletivo, individual, a pé ou outros tipos. Na Tabela 11, podemos observar a distribuição do total dos deslocamentos diários realizados na microrregião sul, sendo que o transporte coletivo representou 41.032 pessoas em Valinhos e 19.194 em Vinhedo; o transporte individual aparece com 53.871 pessoas em Valinhos e 42.601 em Vinhedo (representando a maioria em ambos os municípios) e os deslocamentos feitos a pé com 45.088 pessoas em Valinhos e 33.385 em Vinhedo. O destaque para o transporte individual reflete o papel da escolha dos indivíduos de acordo com seus gostos pessoais, por apresentar grande flexibilidade na formação dos trajetos ou dos lugares para onde se vai, indo de encontro também com a crescente flexibilização do mercado de trabalho.

Tabela 11 – Microrregião sul: Viagens diárias em Valinhos e Vinhedo e modo principal de deslocamento, 2003

	Modo Principal										
Origem	**Ônibus**	**Fretado**	**Escolar**	**Dirigindo**	**Passag. auto.**	**Táxi**	**Lotação**	**Moto**	**Bicicleta**	**A pé**	**Outros**
Valinhos	25.092	9.364	5.746	33.775	15.005	55	831	1.993	1.505	45.088	1.538
Vinhedo	2.783	4.506	1.725	24.725	12.838	55	180	1.809	2.225	33.385	948

Fonte: STM–Emplasa, Pesquisa Origem e Destino, 2003.

Houve um aumento no número de municípios da RMC para os quais valinhenses e vinhedenses se deslocam por motivo de estudo ou trabalho. Em um primeiro momento, para Artur Nogueira, Campinas, Indaiatuba, Jaguariúna, Paulínia, Santa Bárbara D'Oeste, Sumaré, Valinhos e Vinhedo e, em 2000, Artur Nogueira não aparece, dando lugar para Americana, Hortolândia, Itatiba e Monte Mor.

Tanto em Valinhos quanto em Vinhedo, esse aumento dos deslocamentos tem a ver com o processo de ocupação do espaço urbano a partir das implementações de chácaras de recreio/loteamentos fechados durante a década de 1990, passando a atrair uma população de renda média e alta para a microrregião. Assim, o perfil socioeconômico de quem realiza em maior parte os deslocamentos passa a ser de um nível mais alto que os naturais dos municípios, pois representam essa parcela que passa a residir nos condomínios. Pereira (2008) apresenta a diferença de renda média entre esses dois grupos, sendo que a desses migrantes chega a 19,2 salários mínimos e entre os não migrantes sequer atinge 5,5 salários mínimos. Além disso, o autor afirma que o nível de escolaridade também se apresenta muito maior nos que realizam esses deslocamentos.

De acordo com Miglioranza (2005), a renda média *per capita* de Valinhos, em 2000, era de R$ 569,31, seguido apenas por Vinhedo (R$ 627,47) e Campinas (R$ 614,86), quando comparados aos municípios da RMC, resultado, em parte, do deslocamento dessas pessoas mais abastadas para a microrregião. Deve-se lembrar, contudo, que essa renda nem sempre é revertida para o próprio município, já que as pessoas que realizam deslocamentos pendulares pouco consomem em Valinhos ou Vinhedo. Podemos pensar, portanto, que a mobilidade representa, para essa população de média e alta renda que realiza deslocamentos pendulares na região, uma forma de

IN PRESS

conciliar melhor qualidade de vida e tranquilidade da microrregião sul com as facilidades de acesso (menor tempo de deslocamento), sobretudo aos mercados de trabalho.

5 MIGRAÇÃO E PENDULARIDADE COMO FATORES-CHAVE NA DINÂMICA REGIONAL

A análise dos dados de migração e pendularidade na Região Metropolitana de Campinas revelam aspectos importantes das interações espaciais entre Valinhos e Vinhedo e da microrregião sul com a sede metropolitana, que possui relação direta com o forte processo de conurbação entre eles, além da configuração específica do espaço urbano dos municípios.

De modo geral, a RMC ainda apresenta deslocamentos diários motivados mais fortemente por diferenças entre local de trabalho/estudo e de residência, porém começam a delinear novas tendências de deslocamento, como os fluxos gerados pelas visitas, recreação e lazer, por exemplo[2]. Contudo, não só os fluxos pendulares estão presentes, mas também as mudanças de residência de Valinhos para Vinhedo, ou no sentido contrário, bem como um fluxo significativo de Campinas e São Paulo para os dois municípios.

Em relação à microrregião sul, a ampla presença de condomínios fechados em ambos os municípios possibilita uma migração seletiva, atraindo, por um lado, uma população de alta renda em busca das facilidades de comércio e de acesso a Campinas, além da tranquilidade e "qualidade de vida" dos municípios, e de outro, a migração de uma população de baixa renda para trabalhar geralmente na construção civil ou nos trabalhos domésticos dentro dos loteamentos, alimentando os deslocamentos pendulares, sobretudo dos não-naturais dos municípios, moradores desses condomínios (MIGLIORANZA, 2005).

Nesse contexto, a migração intrametropolitana e intraestadual é de extrema importância para o crescimento dos municípios e estão intimamente ligadas às reestruturações do espaço urbano e às novas conexões dos aglomerados, modificando a

[2] Há evidências de ampliação da multiplicidade dos deslocamentos, expressos nos espaços de vida, que constitui a outra parte desta pesquisa, não explorada neste artigo.

IN PRESS

configuração das cidades, as escolhas de moradia e, consequentemente, o modo como esses processos afetam a experiência na metrópole.

É evidente que, pelas possibilidades de pendularidade e mobilidades cotidianas, na RMC, pessoas que são nascidas e criadas em uma cidade, ainda que não estudem ou trabalhem nela, tendam a não se mudar para a sede metropolitana, valendo-se mais dos deslocamentos pendulares do que da mudança de residência para suprir certas necessidades, mantendo relações específicas e funcionais com o município sede e mantendo seus laços onde nasceu. Em geral, são os imigrantes que se mudam para Campinas, no primeiro momento, para depois fixarem residência em alguma outra cidade próxima (BAENINGER, 2002), e são eles que têm maior mobilidade entre as cidades da região em termos de mudança de residência (MARANDOLA JR., 2008). Em nosso caso, esses grupos migrantes, ainda que tenham se realocado nas periferias de Valinhos e Vinhedo continuam a se remeter a Campinas (por diversos motivos, mas em especial por estudo e trabalho) mantendo conexões intermunicipais via deslocamentos cotidianos, pendulares ou não.

Ainda que a mobilidade se apresente como característica intrínseca ao modo de vida metropolitano, há um constante movimento de enraizamento em busca da segurança existencial na modernidade, em uma relação de complementaridade entre a liberdade/fluidez e a segurança/pausa (MARANDOLA JR.; DE PAULA, 2012). Essas tendências antagônicas, de uma busca de qualidade de vida ligada a sistemas tradicionais (família, comunidade, enraizamento) na fluidez das interações espaciais simultâneas e velozes, estão diretamente imbricadas nas decisões locacionais entre o mudar-se ou lançar mão da pendularidade para acessar os serviços. Os dois processos estão intimamente relacionados nas aglomerações urbanas, podendo os indivíduos e famílias desenhar seus espaços de vida a partir da decisão do onde morar articulada ao tempo e distância que estão dispostos a deslocarem-se para acessar os lugares necessários e desejáveis no espaço regional (MARANDOLA JR., 2008; 2011).

Ressalta-se ainda que é necessária a análise de informações mais detalhadas do Censo Demográfico de 2010 acerca dos fluxos migratórios e dos deslocamentos pendulares, ainda não disponíveis na sua inteireza, para traçar melhor os padrões de

IN PRESS

mobilidade na RMC, em especial na microrregião sul, a fim de interpretar as novas tendências migratórias e de interações espaciais.

Com base nos dados já disponibilizados, desenham-se algumas motivações para tais padrões de distribuição espacial da população, como a busca por melhores condições de vida/trabalho que atrai os migrantes para as regiões mais dinâmicas economicamente, como a RMC. Esses dados, todavia, não são suficientes para compreender tais deslocamentos, isso porque a realidade é muito mais complexa do que são capazes de descrever os dados secundários de origem e destino.

Apesar de reconhecermos a importância da pendularidade, esta se limita aos fluxos rígidos – sólidos, para usar a linguagem de Bauman (2001) – para trabalho e estudo. Devido a fluidez contemporânea e a heterogeneidade dos deslocamentos em termos de tempos, durações, motivos, modos de transporte e direções muito significativas, há necessidade de ir além da informação censitária. Em 2010, houve significativo avanço com a coleta da informação separada por trabalho e por estudo, e com quesitos sobre tempo de deslocamento e outras informações que, mesmo que ainda não estivessem disponíveis por completo quando este artigo foi finalizado, criam expectativas positivas acerca de seu potencial. Por outro lado, as informações de migração e mudança de residência ainda são limitadas, não apresentando elementos que possibilitem acompanhar a flexibilidade e dinamicidade destes processos no contexto de diversidade de possibilidades de mobilidade nas aglomerações urbanas (MARANDOLA JR.; GUEDES; SILVA, 2010).

Isso é especialmente relevante no caso da RMC, que compõe um novo contexto de metropolização, nas quais o papel relativo da sede é menor do que a metropolização baseada na industrialização, representadas no Brasil pelas nove regiões definidas nos anos 1970. A RMC representa um novo processo de metropolização e aglomeração urbana, mais descentralizado e flexível, em que as trocas entre si dos municípios do entorno são tão ou, às vezes, até mais significativas do que com o município sede. Fruto das reestruturações produtivas (SOJA, 1993), da flexibilização do mundo do trabalho (SENNET, 1999), das novas tecnologias de comunicação e transporte (ASCHER, 1998), os padrões de mobilidade populacional são significativamente

IN PRESS

diferentes nessas regiões, reforçando as relações que não envolvem necessariamente a sede metropolitana.

Essa tendência já havia sido observada nos dados de 2000 (OJIMA, 2007), e se consolidou, em 2010, com o reforço de microrregiões da intraregião metropolitana, que mantém interações espaciais muito intensas, como a microrregião noroeste (MARANDOLA JR., 2010), ou com a microrregião sul. Nesse contexto, a importância dos deslocamentos além do trabalho e estudo é aumentada, abrindo a necessidade de novas formas de captação da informação. Os dados disponíveis podem mascar a diversidade e multidimensionalidade dos fluxos, muito presentes na forma de mobilidades cotidianas irregulares, que não mais se direcionam apenas aos polos regionais ou à sede metropolitana (MARANDOLA JR.; GUEDES; SILVA, 2010).

Essa dissociação casa–trabalho, porém, não está relacionada apenas aos custos de transporte, tempo de locomoção ou fragmentação do tecido urbano, mas também à exposição de riscos e perigos em potencial durante esses deslocamentos diários, alterando a distribuição espacial da população e os motivos de atração/expulsão dos lugares gerando, muitas vezes, processos de segregação socioespacial (MARANDOLA JR., 2008). Essa segregação pode ser entendida "como a concentração no espaço de estratos socioeconômicos semelhantes, sobre a capacidade de resposta das pessoas ou famílias a estes problemas, ou, de maneira mais geral, seus efeitos sobre a inclusão social" (CUNHA; JAKOB, 2010, p.116).

Além disso, apesar do contexto metropolitano, muitos dos deslocamentos aparecem mais como uma necessidade do que uma possibilidade de escolha, estratégia de acesso ou de proteção. Campinas não é mais necessariamente o "centro" onde se encontram todas as opções. Ao contrário, surgem novas centralidades capazes de satisfazer as necessidades sem ter que se deslocar para a sede metropolitana.

Dessa maneira, os resultados apontam para a intensidade das interações intramicrorregião sul e a mesma posição relativa dos municípios na relação com a sede-metropolitana, estabelecendo uma base comum de desenho dos espaços de vida. Algumas interações, entretanto, não podem ser descritas pelos dados secundários, o que mantém em aberto o resto da figura das interações espaciais e da multiplicidade de deslocamentos populacionais e seu papel na construção da experiência metropolitana.

IN PRESS

REFERÊNCIAS

ASCHER, François. *Metápolis*: acerca do futuro da cidade. Oeiras: Celta, 1998.

BAENINGER, Rosana. Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista. In: HOGAN, Daniel J. et al (Org.). *Migração e ambiente nas aglomerações urbanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, p. 321-348, 2001.

_____. A População em Movimento. In: FONSECA, R.; DAVANZO, A. M. Q. e NEGREIROS, R. M. C. (org.) *Livro Verde***:** Desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas. Campinas: Unicamp-IE, 2002. p. 97-134.

_____. A interiorização das migrações em São Paulo**:** novas territorialidades e novos desafios teóricos. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2004, Caxambu. *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu - MG, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CADAVAL, M. E. G.; GOMIDE, A. Mobilidade urbana em regiões metropolitanas. In: FONSECA, R.; DAVANZO, A. M. Q. e NEGREIROS, R. M. C. (org.) *Livro Verde***:** Desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas. Campinas: Unicamp-IE, 2002. p.177-194.

CORRÊA, Roberto L. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E. De, GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (org.). *Explorações Geográficas*: percursos do fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COURGEAU, Daniel. *Méthodes de mesure de la mobilité spatiale*: migrations internes, mobilité temporaire, navettes. Paris: Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques, 1988.

CUNHA, José M. P. da, JAKOB, Alberto A. E. Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas. Revista Brasileira de Estudos de População, v.27, n.1, p. 115-139, 2010.

MARANDOLA JR., E.; DE PAULA, Luiz T.; Espaços de vida migrantes: mobilidade e insegurança existencial na região metropolitana de campinas. *Geografia*, Rio Claro, 2012. [no prelo]

FARIA, C. A. C. de. Município de Vinhedo. In: CANO, W. e BRANDÃO, C. A. (coords.) *A Região Metropolitana de Campinas*: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. 2v. p. 229-254.

IN PRESS

GONÇALVES, M. F.; SEMENGHINI, U. Uma metrópole singular. In: FONSECA, R.; DAVANZO, A. M. Q.; NEGREIROS, R. M. C. (Org.) *Livro Verde*: Desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas. Campinas: Unicamp-IE, 2002. p. 27-51.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. *Geographia*, Niterói, ano III, n.6, p.07-20, jul./dez. 2001.

MARANDOLA JR, Eduardo. Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278f. *Tese* (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas.

_____. Cidades médias em contexto metropolitano: hierarquias e mobilidades nas formas urbanas. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *População e cidades*: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Nepo.Unicamp, 2010. p. 187-207.

_____. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). *Mobilidade espacial da população*: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011. p. 95-115.

MARANDOLA JR., Eduardo; GUEDES, Gilvan R.; SILVA, Robson Bonifácio da. Perfis de mobilidade nas regiões metropolitanas do interior de São Paulo. *Papeles de Población* [online], vol. 16, n.16, 2010, pp. 177-226. Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11216490007.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações existenciais e territoriais da migração. Revista Brasileira de Estudos de População, v.27, p. 407-424, 2010.

MARTINEZ, J. W. Município de Valinhos. In: CANO, W.; BRANDÃO, C. A. (coords.) *A Região Metropolitana de Campinas*: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. 2v. p.197-224

MIGLIORANZA, Eliana. *Condomínios fechados***:** localizações da pendularidade – um estudo de caso no município de Valinhos, SP. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2005.

OJIMA, Ricardo. Dimensões da urbanização dispersa e proposta metodológica para estudos comparativos: uma abordagem socioespacial em aglomerações urbanas brasileiras. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v.24, n.2, p.277-300, 2007.

PEREIRA, Rafael H. M. Processos socioespaciais, reestruturação urbana e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de Campinas. 2008. *Dissertação* (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

IN PRESS

PIRES, Maria C. S. Morar na Metrópole: expansão urbana e mercado imobiliário na Região Metropolitana de Campinas. *Tese* (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, 2007.

REIS, Nestor G. *Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas no tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Veridiana. L. da. Mudanças na forma de ocupação do espaço urbano em Valinhos - SP: A expansão dos condomínios fechados. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, 2008.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas*: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

IN PRESS